

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**DO PALCO PARA A SALA DE AULA: CARTAS PARA OS CAMINHOS DA
LICENCIATURA**

Manaus – AM

2023

RAIANA DA SANTA CRUZ PRESTES

**DO PALCO PARA A SALA DE AULA: CARTAS PARA OS CAMINHOS DA
LICENCIATURA**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Amazonas – UEA como requisito final para obtenção do título de Licenciada em Teatro. Sob orientação da Prof. Dra. Eneila Almeida dos Santos.

Manaus- AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

P936dp da Santa Cruz Prestes, Raiana
Do palco para a sala de aula: : cartas para os caminhos da licenciatura / Raiana da Santa Cruz Prestes. Manaus : [s.n], 2023.
33 f.: color.; 29 cm.

TCC - Graduação em Teatro - Licenciatura - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.
Inclui bibliografia
Orientador: Eneila Almeida dos Santos

1. Estágio supervisionado. 2. Histórias de vida. 3. Cartas pedagógicas. 4. Arte-Educação. 5. Teatro. I. Eneila Almeida dos Santos (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Do palco para a sala de aula:

TERMO DE APROVAÇÃO**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**

Criada pelo Decreto Estadual nº 21.963, de 27 de junho de 2001

**TERMO DE APROVAÇÃO**

RAIANA DA SANTA CRUZ PRESTES

DO PALCO PARA SALA DE AULA: CARTAS PARA OS CAMINHOS DA
LICENCIATURA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aprovado, com nota 10 (dez) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura pelo curso de Teatro da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dra. Eneila Almeida dos Santos
(Orientadora)

Prof.ª Dra. Gislaine Regina Pozzetti
(Membro Titular)

Prof. Me. Jorge Bandeira do Amaral
(Membro Titular)

Manaus, 21 de março de 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço as Divindades que me regem por me permitirem chegar até aqui.

À dona Ana Lucia, ao senhor Raimundo Xavier, ao Benjamin e ao Marco Antonio, minha família, por me incentivarem a trilhar estes caminhos que sem uma rede de apoio jamais conseguiria.

Ao professor Onison Lopes, por despertar em mim o olhar teatral ainda em meu ensino médio, me permitindo descobrir o meu caminho.

Aos professores Gislaine Pozzetti, Jorge Bandeira, Luiz Davi Vieira, Annie Martins e Francenilza Viana por todas as partilhas sensíveis que me ensinaram muito sobre o que eu poderia ser nos caminhos da Licenciatura.

À minha orientadora Eneila dos Santos por todo o acolhimento, parceira e sensibilidade durante nossos encontros.

Aos amigos e amigas que cativei durante a graduação, que foram uma rede essencial para que esses 4 anos seguissem mais leves.

Ao Grupo Jurubebas, por me acolher e partilharem momentos que fizeram parte da minha mais bela formação artística.

DO PALCO PARA A SALA DE AULA: CARTAS PARA OS CAMINHOS DA LICENCIATURA

Raiana da Santa Cruz Prestes¹
Eneila Almeida dos Santos²

Resumo

Uma atriz dentro de uma sala de aula, vivenciando todos os aprendizados e desafios que a docência tem a ensinar. Convido você a embarcar comigo nessa leitura em uma pesquisa na qual pude gerar questionamentos no desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso, partindo de vivências particulares através da pesquisa em campo em escolas públicas da cidade de Manaus, vivenciadas através dos estágios supervisionados. Carregando aqui através de cartas pedagógicas meus relatos, desabafo, medos e até frustrações acerca do que a Licenciatura em Teatro me fez vivenciar em todos esses anos.

Palavras-chave: Estágio supervisionado, Histórias de vida, Cartas pedagógicas, Arte-Educação, Teatro.

Abstract

An actress inside a classroom, experiencing all the lessons and challenges that teaching has to teach. I invite you to embark with me on this reading in a research in which i was able to raise questions in the development of this Course Conclusion Work, starting from particular experiences through field research in public schools in the city of Manaus, experienced through supervised outreaches. Carrying here through pedagogical letters my reports, outbursts, fears and even frustrations about what the Degree in Theater made me experience in all these years.

Keywords: Supervised internships, Life stories, Pedagogical letters, Art-Education, Theater.

¹ Finalista do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
E-mail: rdscp.tea19@uea.edu.br

² Orientadora. Docente do Curso de Teatro da UEA. Doutora em Educação pela PUC-SP
E-mail: eadsantos@uea.edu.br

Introdução

Prezados/as,

Este é um artigo de Trabalho de Conclusão de Curso que traz uma pesquisa pessoal, feita através de cartas na qual a partir de experiências e reflexões dentro da sala de aula em escolas públicas do estado do Amazonas. Trago estas escritas sobre uma professora arte educadora em processo de descobertas em seus mais vulneráveis estados de existência e resistência.

Partindo do ponto de vista do eu atriz em que tudo o que eu enxergava era uma vasta quantidade de adultos me assistindo, achava que o meu maior desafio da vida enquanto artista, até então, seria encarar o público para prender sua atenção em mim, manter a energia concentrada, manter a dicção limpa, conseguir passar uma clara mensagem e afetar quem me assistisse para receber aplausos no final, mas só quando eu entro em uma sala de aula pela primeira vez, de fato, é que percebo que todo o meu trabalho de atriz foi me preparar para este momento, prender a atenção, ter uma dicção clara, conseguir passar uma mensagem e afetar quem esteja me ouvindo, para agora não receber aplausos de adultos mas sim receber uma fala em um coro gritante de 40 crianças que dizem *Sim professora, nós entendemos!*

Com o objetivo de então registrar as experiências pedagógicas vividas e refletir quanto ao ensino artístico dentro de uma escola de ensino básico, adoto para esta minha partilha a metodologia da escrita auto-etnográfica através de cartas, um método que foi adotado pelo campo da educação e que conversa de forma sensível com esta narrativa autobiográfica que trago para vocês.

A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si. (FORTIN, 2010, p.83)

Então é através desses relatos em cartas sobre o “eu” que apresento as particularidades vividas de uma atriz em processo de descoberta como professora, evidenciando uma experiência, talvez não única, mas registrando sem medo o tenebroso e acolhedor caminho que a licenciatura em teatro tem a oferecer. Desde já,

agradeço seu tempo e espaço, para acolher minhas cartas, espero que tenhamos boas leituras.

Carta de número 01

De: uma recém chegada

Para: O começo antes da docência

Queridos/as leitores,

Tudo começa no ano de 2019, quando inicio minha trajetória em Licenciatura em Teatro na Universidade do Estado do Amazonas - UEA, totalmente leiga, vinda de nenhuma escola artística mas totalmente aberta a vivenciar o que o mundo do teatro tinha a me alimentar, descobrindo um novo olhar sobre o conceito de ser artista e acima de tudo o que é o artista-educador, conhecendo autores, professores e colegas que partilhavam de uma jornada enriquecedora.

Durante muito tempo nessa jornada artística que me provocou a descobrir várias presenças sensíveis , meu olhar esteve constantemente em cima dos palcos, visto que em 2019 é quando de fato a minha principal função foi o trabalho de atriz e produtora em grupos da cidade de Manaus, apesar de estar cursando Licenciatura em teatro. Os caminhos cruzados com o Bacharel eram muito latentes e mais presentes em mim, o que aumentava a sede de estar em cena, esquecendo completamente os trajetos da docência.

Antes de entrar em uma sala de aula ou ter um contato pedagógico mais direto com as crianças, meu pensamento vagava sobre o conceito do que é ser professor, tendo muito como exemplos professores que passaram por mim durante minha formação desde o fundamental até o ensino médio, obtendo essa ideia de que lecionar exige rigidez, foco e impenetrabilidade. Mas dentro da Universidade convivendo com mestres da academia, um outro conceito me é apresentado partindo de muitas teorias de que a identidade docente é resultado de uma construção subjetiva e sócio - cultural histórica, partindo de elementos econômicos, psicológicos e ideológicos (BOMBARDELLI, 2011).

Partindo disso aprendi que muitos fatores rodeiam o que de fato é ser professor, entendi que desde a impenetrabilidade até o deixar ser afetado vem de vivências

pessoais e culturais, me trazendo ao questionamento de que professora eu gostaria de ser, questionamento este que permeou toda minha graduação, principalmente sobre como as minhas vivências afetariam o trabalho dentro da sala de aula. Então meus queridos e queridas, espero que estejam confortáveis para continuar esta leitura, porque é a partir daqui que toda essa minha jornada de descobertas começa.

Carta de número 02

De: uma universitária

Para: a descoberta do Eu atriz

Se você hoje, leitor/a me pergunta: **Quem você era a 4 anos atrás?**

Eu lhe responderia: **Eu era faminta !**

No ano de 2019, foi quando muitos caminhos foram se abrindo para mim, dentro da graduação encontrei muitos fragmentos do que eu poderia ser, e de todos eles estava decidida a seguir apenas um caminho: o ser atriz. Em outubro de 2019, foi quando faço minha estreia nos palcos, na antiga sede da Casa de Artes Trilhares com o espetáculo "A Jaula" do grupo, que também estreava, Garfo na Tomada. E foi com a casa lotada e pessoas sentadas no chão aplaudindo um espetáculo que trazia o nascer de uma nova atriz na classe, que surgiu a verdadeira paixão em crescer dentro do que acabava de descobrir: arte. O corpo, a voz, o olhar, a movimentação, o instigante e a adrenalina de interpretar e ser vista por outros olhos me traziam a excitação de continuar vivendo através dos palcos, quase como um vício de processo, um vício de performance, um vício de ser atriz.

Imagem 1 – Espetáculo A Jaula



Fonte: acervo pessoal / 2019

Foi a partir desse dia em diante, que decidi que passaria a me dedicar ainda mais em aprender a lidar com o eu sensível e com todas as práticas teatrais que aplicava na vida, nos três primeiros períodos dentro da graduação descobri sentimentos que potencializavam a sensibilidade de criação. Com as aulas de Expressão Corporal eu podia entender o que era esse corpo e que discursos ele trazia, nas aulas de Interpretação eu descobria as possibilidades do que eu poderia ser, momentos fora das salas pretas da faculdade me levavam a viver novas experiências, principalmente a sede de viver a arte, 2019 foi o ano de excitação ao mundo novo. Foi o ano da sede e da vontade de manifestar qualquer tipo de inquietação através de performances, pinturas e movimentos que expressassem as tais vontades caladas, tentando ao máximo me envolver em trabalhos em que eu e o meu ego de atriz pudessem ser vistos através de outros olhos para trabalhar e alimentar o que chamamos de “repertório”. Mas como tudo na vida que um dia começa queridos/as, um dia acaba: **2020 o ano da pandemia.**

No começo de 2020, essas vontades ainda eram vívidas, e existiram momentos de pura arte e manifestação, desde aulas sobre Teatro Político até as caminhadas pelo porto de Manaus para observar e sentir estes corpos que nos rondavam, foram momentos propícios para começar um grande novo capítulo no fragmento do ser atriz. Foi na cafeteria do segundo andar da unidade, tomando um café preto e conversando com pessoas especiais, no dia 16 de Março de 2020 que saiu a notícia de que havia sido decretado com urgência o afastamento e paralisação de tudo, pelo período de 15 dias por causa da suspeita da chegada de um vírus na cidade de Manaus, a Covid-19.

E o que era pra ser apenas 15 dias, vocês bem sabem, se tornaram 2 anos. Mas então, o eu atriz paralisou durante todo esse tempo? Não, o eu atriz se tornou resistência, porque foi no ano de 2020 que me integro ao Grupo Jurubebas de Teatro com o projeto “*E Nós que Amávamos Tanto a Revolução*”; processo que se iniciou de modo virtual, devido a quarentena, desde ensaios a leituras dramáticas, sendo um dos primeiros grupos a estrear um espetáculo em modo virtual através da transmissão pela plataforma de vídeos, Youtube. Foi durante este processo que me alimentei de estudos que a graduação oferece pistas, a prática, a correria dos processos, mesmo que em fase inicial tenha sido por tela.

Carta de número 03**De : uma atriz em descoberta****Para: a jurubeba em formação**

Prezados/as,

Foi no Outono de Março de 2020 que ingresso como atriz ao Grupo Jurubebas de Teatro, grupo que no tempo tinha 3 anos de existência e resistência na cidade de Manaus- Amazonas, composta por estudantes universitários de teatro da UEA. A primeiro momento entro para participar do processo “ E Nós Que Amávamos Tanto a Revolução “, processo que se iniciou e teve a sua estreia de maneira virtual. Aqui nasceu mais uma Jurubeba.

Imagem 2- Espetáculo E Nós que Amávamos Tanto a Revolução



Fonte: acervo pessoal / 2020

Imagem 3- print do espetáculo E Nós que Amávamos Tanto a Revolução



Fonte: youtube / 2020

Foi com esse ponta pé, que acabo iniciando a minha formação artística prática, assumindo funções e novos olhares sobre a minha existência. Vivenciando a formação jurubebas, meus primeiros trabalhos profissionais fora das paredes da universidade, assumindo de fato o meu trabalho como atriz, se deu pelas telas, visto que os teatros estavam fechados, as pessoas tinham medo de sair de casa e os artistas estavam enclausurados com suas vontades em casa. Estávamos todos encarando um público digital, peças digitais e um teatro digital. Um novo fazer teatral surgia.

Imagem 4 - print do projeto Leituras de Apartamento



Fonte: acervo pessoal Grupo Jurubebas/ 2021

Mas e as fomes que me consumiam? Vocês devem estar se perguntando, visto que eu estava tendo experiências não pele a pele ou olho no olho, então eu vos respondo, elas estavam crescendo, cada novo aprendizado me enaltecia outras mais vontades, a oportunidade de ser abraçada por um grupo que acreditou em mim, foi a minha mais linda formação teatral. A cada processo, a cada pessoa que passava por nós me trazia mais a vontade de também compartilhar, começava a me imaginar em uma sala preta partilhando os aprendizados e assim seguindo uma linha hereditária de formações. Existia o prazer de estar em cena, como se a cada última fala dita em cima do palco fosse como um orgasmo pronto para ser saciado pelas palmas. A

visceralidade do eu atriz tomava conta de todo um espaço que quase chegava a não caber a licenciatura dentro de mim, a fome do palco era grande.

Passar pela formação sensível do Grupo Jurubebas de Teatro antes de qualquer experiência dentro de sala de aula foi importante para entender e refletir sobre quanto do eu atriz eu levo para dentro da sala de aula? O que os processos de espetáculos me ensinaram? Que fomes foram essas e como delas eu posso alimentar outros? Quem é a Jurubeba dentro da sala de aula? Refletir sobre essas perguntas me fizeram perceber sobre quem eu levaria para dentro de uma escola.

Imagem 5- Espetáculo E Nós Que Amávamos Tanto a Revolução versão presencial.



Fonte: César Nogueira / 2021

Querido/a leitor/a, será se a atriz jurubeba estaria pronta para viver as experiências também viscerais, dessa vez não em um palco mas dentro de uma sala de aula ?

E NÓS QUE AMÁVAMOS A REVOLUÇÃO,
LEITURAS DE APARTAMENTO,
DESASSOSSEGO,
REVOLUÇÃO SPIN-OFF,
O MORRO DO BODE, PRODUÇÕES,
FESTIVAIS, CÂMERA, MEET/ZOOM,
PREMIAÇÕES, RESISTÊNCIA, INDICAÇÕES,
AFETOS, AMORES,
TEATROS.

Imagem 6- Espetáculo Desassossego



Fonte: Larissa Martins/2022

Carta de número 04

De: uma jurubeba

Para: uma quase professora estagiária

Prezados/as,

Foi no verão de 2021, que vou do palco para a sala de aula. Em Outubro deste ano tenho meu primeiro contato com a docência de fato, após um período encarcerada em múltiplas telas virtuais, sem contato humano direto, me encontro com muitas vontades que foram manifestadas pela necessidade ansiosa de ir para a sala de aula e projetar a outros tudo o que tinha em mente guardado, despertar em outros as vontades que a Arte sempre despertava em mim, mas junto a tudo isso também existia o medo da falha, o medo de não saber comandar e organizar, palavras estas queridos/as que permeavam pela minha mente: comandar, ensinar, projetar. Mas apenas quando me encontro na sala de aula, que percebo que ensinar também é aprender, e que além do status de professora, sou apenas uma mediadora de crianças que estão se edificando e escolhendo suas próprias manifestações de vida.

Então é aqui que dou os primeiros passos de uma educadora...ou não. Tudo começa no Estágio I na qual vou para Escola Municipal de Educação Infantil I Maria das Graças, localizada na unidade Aldeias Infantis SOS Brasil na cidade de Manaus, na qual as crianças tem uma formação respeitosa e mais afetiva. Escola na qual me introduziu a uma expectativa muito alta sobre a relação educacional em escolas públicas, visto que essa atendia as necessidades das crianças de forma proveitosa e acolhedora, enquanto estagiária me sentia muito bem recebida e confortável em estar no ambiente junto com elas, pois a rotina da escola era diferente, as crianças tinham suas horas de sonecas e passeios pelo jardim, mas quando percebi meu conforto também percebi uma preocupação em relação as outras escolas que não tinham como proposta um ensino humanizado tal como essa.

O processo de atriz para educadora foi de certa forma um aprendizado, pois quando se está em uma sala com crianças de 6 a 8 anos, você entende que elas lhe ensinam muito mais do que você a elas. Durante este estágio, nessa escola em específico, entendi que o processo educacional com turmas do Fundamental I precisa

ser com muita parceria e cuidados, pois nesta fase da vida as crianças acabam tendo a escola como um lugar de afeto, que talvez supra a necessidade do que falta em casa, estar com crianças é um lugar sensível, pois estamos lidando com pequenos seres humanos que estão na formação de entender o mundo.

Em nossos dias, um dos aspectos marcantes do pensamento acerca do valor pedagógico da arte está no desafio de tentar elucidar em que medida a experiência artística pode, por si, ser compreendida enquanto ação educativa (DESGRANGES, 2006). Trazer a experiência e vivência artística como uma forma de metodologia para a educação se torna muitas das vezes um desafio, mas quando tratamos de uma pedagogia para crianças, esta atividade se torna facilitadora, quando se percebe que para a educação infantil, o lúdico deve estar sempre presente, para melhor desenvolver as habilidades da criança, e usar a educação artística para este desenvolvimento se torna enriquecedor.

Imagem 7- Aulas do Estágio 1



Fonte: acervo pessoal / 2021

Com o projeto “*Dramaturgia em ação: outras maneiras de interpretar histórias*”, começo a jornada em registrar pequenas dramaturgias feitas de maneiras mais poéticas, neste caso a contar histórias a partir de desenhos, e dessa forma ir entendendo como cada criança se expressa ao criar algo. Mas isso foi a expectativa de uma universitária cheia de teorias sobre o ser educadora, até ser atingida pela convivência e afeto das crianças, e ver que a teoria é apenas uma base de conhecimento para se somar a prática sensível de ouvir e se envolver com os pensamentos de pequenos seres humanos que tem muito a falar.

Durante este percurso, me senti muito presente como amiga e parceira das crianças, só que ao mesmo tempo ausente do processo de educadora, em muitos dias percebi como eu não estava preparada para as crianças, me sentia deslocada, me sentia apenas a atriz observando um cotidiano de crianças, não pude ter a experiência viva de lecionar ou ter uma troca para de atriz ser a professora, me senti estagnada e por um momento tirei a conclusão que eu não estava pronta, que não era a minha área e eu estava apenas me forçando. Mas essas foram as minhas expectativas de experimentar com elas o teatro, de levar os meus aprendizados para elas, mas vocês já sabem né, expectativas criadas é frustração na certa. Não havia muita abertura para ser independente e trazer algo para as crianças, estava sempre a ajudar e apenas cuidar das crianças. Mas não posso negar que não fui envolvida nas atividades das crianças junto a escola, estava junto e presente, alguns dias menos presentes devido as frustrações, mas ainda sim participativa.

Imagem 8 – Aulas do Estágio 1



Fonte: acervo pessoal/ 2021

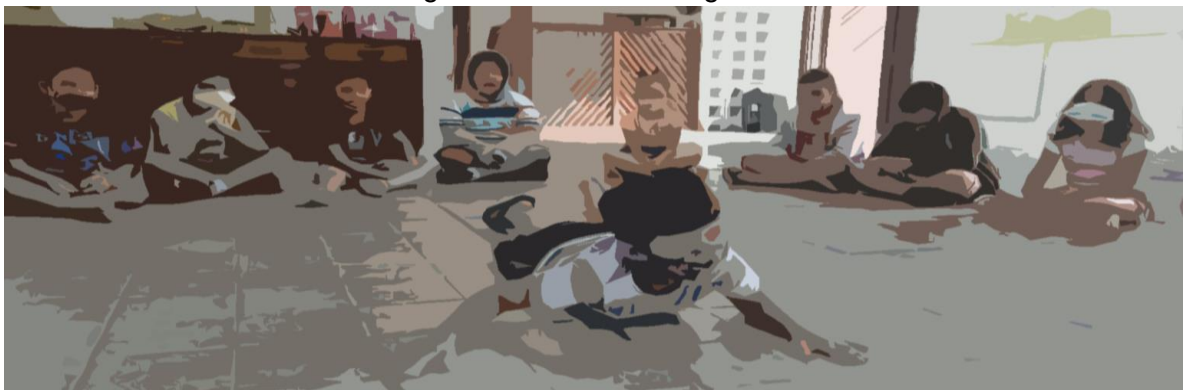
Todo o dia a dia na escola era quase que perfeito, as atividades, as crianças eram extremamente afetuosas, as professoras eram carinhosas com todos, a escola se localizava em um espaço totalmente pensado em ter muito contato com a natureza, e tudo me proporcionava extremo conforto em estar ali, menos pela parte em que não me sentia mais tão pertencente em fazer o que eu estava tentando fazer, lecionar. Se me perguntas como foram minhas experiências durante meu primeiro estágio, provavelmente não responderia nada ou talvez diria que foi o que me fez desistir e seguir apenas as experiências sobre o palco porque realmente a licenciatura me afastava de si. Provavelmente eu não estaria nem aqui escrevendo sobre a minha

experiência frustrante no meu estágio I, até o desenvolvimento deste capítulo, sempre me senti resistente ao escrever ou falar sobre, quase como se minha memória bloqueasse o que foi este estágio visto as futuras outras experiências que tive, e se pararmos para pensar, são sempre os primeiros contatos que nos fazem ficar...ou não.

Refletindo depois e tirando toda a minha ignorância sobre o que eu esperava que fosse acontecer durante esse trajeto, escrevendo eu percebi que eu estava com uma expectativa de escolas tradicionais, com professores durões e crianças inquietas e bagunceiras, eu estava preparada para este cenário, mas percebi que o que eu acolhi destas primeiras experiências foi entender que a educação precisa ser afetuosa, ter diálogos e compreensão faz parte do que é o processo de um licenciando. Vilma Campos (2018) diz que os saberes da prática docente estão para além de uma experiência individual e são como uma oportunidade potente para a consciência de que pode ser construídos coletivamente.

Todo esse afeto gerado e aprendido em sala de aula me fez aceitar que eu não preciso sustentar mais o ciclo de rigidez e supremacia de professora e aluno, levar a educação com carinho foi o que me fez ficar, pois eu aprendi com as crianças que todos queremos descobrir coisas novas mas cada um tem seu ritmo e independente das faixas etárias, é preciso ter a consciência de que cada um e cada uma precisa de cuidado e compreensão, pois muitas vezes é na sala de aula que demonstramos nossas vulnerabilidades, e aprender a aceitar isso demanda algo que com certeza não é negação e rigidez. Então se até o fim deste parágrafo me perguntar o que foi o meu primeiro estágio para mim, eu direi: **afeto**.

Imagem 9- Aulas do Estágio 1



Fonte: acervo pessoal / 2021

Carta de número 05**De: a estagiária do afeto****Para: as crises da professora estagiária**

Para você que continua a me ler,

Essa em particular, carrega meus afetos, pois aqui te conto que foi durante a passagem pelo estágio II que aprendi que a falha faz parte do processo de educadora, que fugir um pouco do planejado é como improvisar em uma cena que algo falhou. Foi percorrendo o caminho das falhas que decidi fazer desta a minha pesquisa, foi durante as crises internas dentro de sala de aula no estágio II que escolhi registrar e propagar a ideia que a falha não é algo que deva se ter vergonha, é um aprendizado, pois é aqui que tudo começa. No palco da sala de aula, nem a dramaturgia mais simples e nem a atriz mais preparada vence a humanidade do erro.

. Neste novo momento, encarei um novo e velho desafio, voltar para a escola na qual me formei no ensino médio. Retorno na Escola Estadual Brigadeiro João Camarão Teles Ribeiro, na qual foi a escola em que tive minha formação, para realizar a segunda etapa do meu estágio, dessa vez trabalhando com crianças do 6º ao 9º ano, seguindo o mesmo projeto de estágio que foi começado em estágio I. Foi durante esta etapa que me deparei com algumas problemáticas, principalmente sobre como a disciplina de Artes estava com déficit de conseguir professores formados na área e teve que optar em ter professores de outras disciplinas para ministrar , até que essa vaga fosse preenchida, e até o fim da minha passagem, nunca foi.

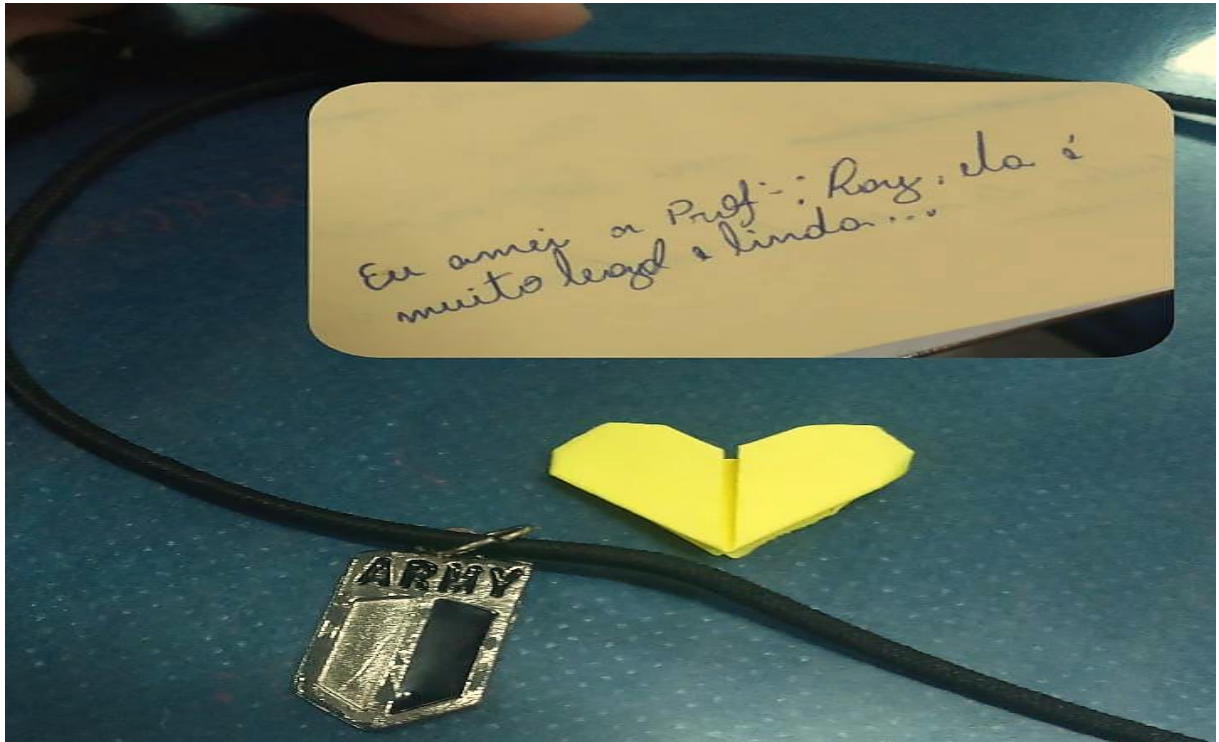
Retornar para as salas onde me formei alimentaram uma nostalgia e preocupação, principalmente sobre o ensino de Artes na escola, visto que eu como estagiária acabei acompanhando professoras de Língua Portuguesa e História ministrando tal disciplina, mas que de fato acabou sendo proveitoso no sentido de que pude analisar como que as Artes eram dialogadas dentro das salas, por outros que não eram pesquisadores da área. Lembram quando eu disse que no estágio I eu estava preparada para encarar um cenário de professores durões e crianças inquietas e bagunceiras? Pois então minha cara pessoa que está a me acompanhar nessa leitura, é aqui que eu os encontro.

RISPIDEZ, FALTA,
BAGUNÇA, GRITARIA,
TECNOLOGIA,
PALAVRÕES, ELOGIOS,
TIKTOK, CELULARES,
SERMÃO,
RISADAS, CRISES,
INQUIETAÇÕES, CONFLITOS,
ADOLESCENTES,
AFETIVIDADE, PRESSÃO.

Ao colocar meu pé dentro da primeira sala em que eu seria apresentada, fui atingida por muitas informações que foram silenciadas assim que me viram, vários olhares curiosos sobre quem era aquela moça jovem da calça pintada e cabelo diferente que ali adentrava, o choque em seus olhares sobre o que eu estava fazendo ali se comparou um pouco com o meu choque ao me deparar com uma turma de quarenta alunos. Foi ali que comigo mesma pensei: bem vinda ao seu caos. Ao ter as mesmas impressões sobre todas as turmas que fui apresentada, de imediato em todas fui bombardeadas de elogios como: *seu cabelo é muito bonito, adorei o seu estilo*

professora, a senhora é muito bonita e dentre outras variações de elogios que de certa forma me fizeram me sentir acolhida, mesmo antes de eles me conhecerem ou tanto eles quanto eu conhecerem a minha metodologia.

Imagem 10- Presentes recebidos de estudantes



Fonte: acervo pessoal / 2022

Perceber que eu era a única presença mais jovem no ambiente, me dava vantagens de conseguir me relacionar com as turmas e entender suas vontades e seus comportamentos, visto que eu estava mais perto de suas realidades, essa foi a minha estratégia de socialização nas primeiras semanas. Voltando ao ponto de observar as professoras de outras áreas ministrando a disciplina de Artes, notei que na maioria das aulas era muito mais abordado sobre as Artes Visuais, em todas as turmas. Não que isso seja uma problemática, mas fiquei a refletir sobre aonde nós teatrólogos, atores e atrizes estávamos quanto fomentação artísticas nos espaços e nas escolas fora do eixo centralizado de Manaus? Por que não falávamos sobre teatro nas salas de aulas? Seria eu, junto com minha colega estagiária, que iríamos alfabetizar teatralmente? Visto que podemos entender a educação, segundo Pimenta (1999) como um processo de humanização; que ocorre na sociedade humana com a finalidade de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis por leva-los adiante. O que eu enquanto arte educadora levo adiante

sobre meus aprendizados artísticos e para quem eu levo? O que a Eu Atriz passava para a Eu Professora?

Imagem 11: Roda de debate após o espetáculo E Nós Que Amávamos Tanto a Revolução



Fonte: Cara de Gatos Produção

Imagem 12: aulas do projeto de teatro a escola



Fonte : Onison Lopes

Para exemplificar meus pensamentos, era assim que eu me enxergava, duas personas totalmente distintas uma da outra, existia a atriz com formações diferentes, com vivências e preparações diferentes, que sabia lidar com um palco, um público lotado e sermões de diretores, e existia a professora que estava se entendendo como uma existência que estava em seus primeiros passos sem preparação nenhum para a vida que lhe aguardava, bom, isso era o que eu pensava até o fim destas cartas.

Partindo então, que uma nova experiência mais imersiva se iniciava, passei a observar e entender a didática dentro das salas para enxergar como que me encaixaria nesse sistema, afirmando que :

A formação do professor, por sua vez, dar-se-á pela observação e tentativa de reprodução dessa prática modelar, como um aprendiz que aprende o saber acumulado [...] O estágio então, nessa perspectiva, reduz a observar os professores em aula e a imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa.(PIMENTA e LIMA, 2005)

Concluindo essa teoria para alinhar na prática do estágio, refleti sobre como eu poderia observar sem reproduzir o mesmo modelo metodológico, visto que estava diante de práticas modeladas de outras, sempre lembrando que as aulas eram ministradas por professoras com formação em outra área. Como eu entendo as metodologias sem me apegar a elas?

O projeto de estágio que levei para a escola, baseava-se em dramaturgias a partir de desenhos, uma maneira mais poética de contar uma história, o mesmo que tentei iniciar no meu primeiro estágio. Aqui tudo fluiu, em meio ao caos eu encontrei fluidez. Estar de verdade presente nas salas de aulas, acompanhando professoras distintas e estudantes plurais, me fez sentir a professora se moldando em mim, a atriz se mostrava como complementação desta nova persona que ganhava mais forma.

Imagem 13- Aulas do Estágio 2



Fonte: acervo pessoal /2022

Conto-lhes aqui sobre alguns dias durante esta passagem no estágio II:

Era Abril de 2021.

Chegou o momento de ir além das observações em sala de aula, estava fingindo estar preparada para lidar com 40 crianças, buscava toda a minha preparação de atriz nesses momentos;

- *Boa tarde turma* – dizia esperançosa, mas sem obter o silêncio ou a resposta esperada.

- *Gente vamos focar aqui na frente ? Rapidinho, por favor !* – repetia com um tom de voz mais elevado. E para ser sincera com vocês, essa foi a frase que eu mais disse durante os meses de estágio. Os dias passaram, minhas aulas foram acontecendo, foi quando em uma das aulas para o 6º ano, estava tentando seguir um planejamento que tinha feito mas me deparava com alunos totalmente desinteressados e agitados, gravando seus vídeos para suas redes sociais, gritando uns com os outros, vindo me contar desentendimentos como por exemplo “*Professora, ele babujou minha garrafinha de aula e não quer me devolver*” ou então “*Professora a senhora viu o que aconteceu ontem na sala do 7º 03 ?*”, tudo enquanto eu estava parada em pé com um livro na mão, sozinha, encarando todo aquele cenário caótico, com apenas vontade de me retirar da sala e ir chorar no banheiro ao perceber que eu não estava dando conta, me perguntando se eu estava falhando como professora, me criticando pois eu não podia falhar, não ali com 40 alunos.

- *Vocês gostam de mímica ?* – eu disse, pronta para deixar de lado todo o meu cronograma de aulas.

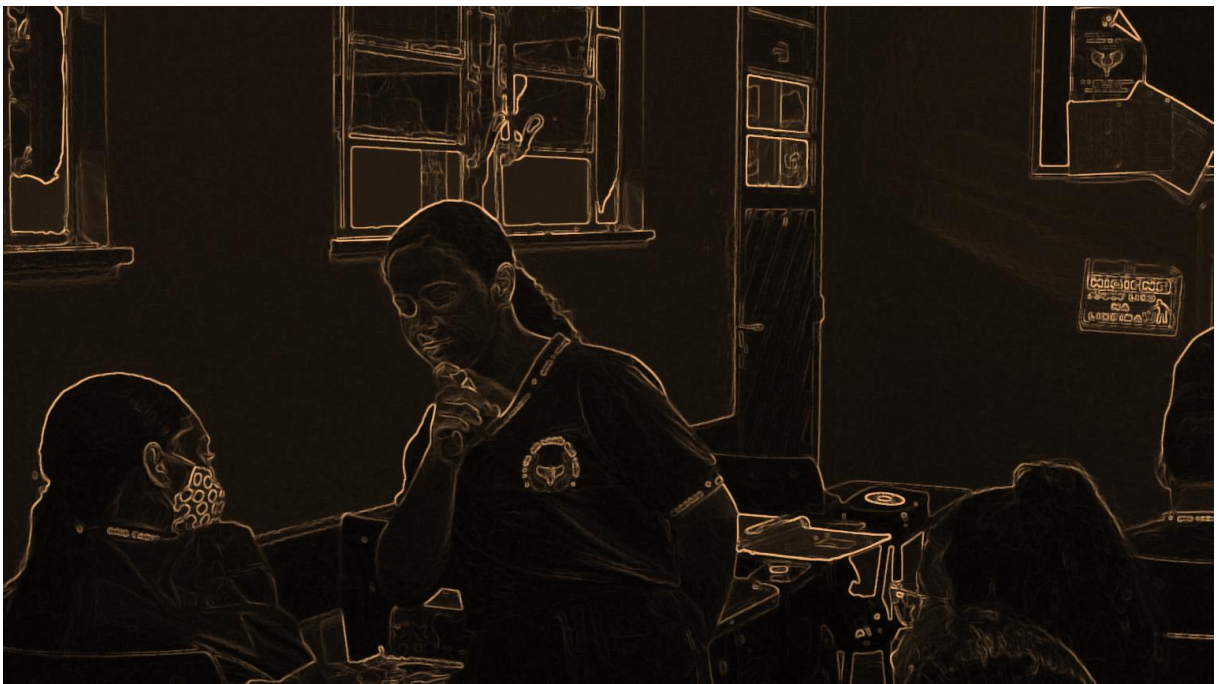
- *Sim !!!!!* – em um uníssono me responderam. Era isso, eu estava trazendo o teatro para a sala de aula. A atriz e a professora estavam se encontrando.

A habilidade que o professor deve desenvolver é a de saber lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas e diferentes situações que o ensino ocorre. (PIMENTA e LIMA, 2005). Assim, desenvolvi uma aula do zero na hora, tal qual uma improvisação em cima do palco, que calhou a orquestrar toda a energia viva que os alunos tinham em sala de aula, entendendo que falhar não significa o fim, mas a oportunidade de um novo começo. Desta forma a aula se seguiu, com enfim, todos concentrados e animados em participar da aula, rindo e se divertindo, foi quando em determinado momento a aula foi interrompida eu parei pra

analisar que estava levando um puxão de orelha da professora da sala ao lado por causa do barulho das minhas crianças, foi quando percebi que no meio de tudo isso era só eu e as crianças na sala, sem a professora titular da escola acompanhando, percebi que eu estava sendo a responsável pela disciplina de Artes na escola naquele dia.

Pimenta e Lima (2005) afirmam que prestação de serviços a redes de ensino, obras sociais e eventos, acabam submetendo os estagiários como mão-de-obra gratuita e substitutos de profissionais formados. Desta maneira, eu acabei por ser a estagiária substituta até que encontrassem alguém formado na área para lecionar, visto que as professoras que estavam responsáveis pela disciplina precisam focar também nas suas aulas na qual eram formadas. Mas eu não ficaria ali para sempre.

Imagem 14- Aulas do Estágio 2



Fonte: acervo pessoal/ 2022

Foi durante este estágio queridos/as que eu entendi o caminho das falhas como um caminho de prosperar em algo novo, a licenciatura nem sempre te acolhe com suas expectativas. Saber resolver coisas inesperadas trilha este caminho, e ter aprendido a acolher com afeto lá no meu primeiro estágio, me fez ser uma professora com uma metodologia mais afetuosa, saber ouvir seus alunos sem eles precisarem dizer diretamente algo é a dádiva mais importante que uma professora pode ter. Pois

a Licenciatura na prática te faz ter encontros precisos e delicados, e você querido/a professor/a ou futuro/a professor/a precisa estar preparado para ouvir.

Abril de 2022;

Estava a receber as atividades que tinha passado para a turma do 8º ano, suas histórias a partir dos desenhos que tinham produzido, e estava me deparando com desenhos incríveis, causas importantes e histórias mirabolantes.

Imagens 15,16 e 17 - Desenhos das atividades



Fonte: acervo pessoal / 2022

Quando uma das crianças apresentou um desenho mais delicado, em sua apresentação, que me marcou até hoje, disse que o desenho era ele, com um top faixa para apertar seu busto que não gostava, e tinha uma faca presa em sua garganta na qual sangrava muito, e ele disse que ali era uma representação de como ele se sentia, não conseguindo responder ou revidar de volta quando alguns colegas e os

professores o chamavam pelo seu nome feminino morto. Ele estava no processo de se assumir um menino transexual.

A sala ficou em silêncio, eu fiquei em silêncio, a professora que desta vez estava acompanhando puxou de forma sem graça algumas palmas para a apresentação, ele me entregou o desenho e se sentou. Vi que seu desenho estava assinado com o nome feminino morto, pedi para que ele assinasse com seu nome social e perguntei qual era para que pelo menos nas minhas aulas eu pudesse o chamar como gostaria, foi quando vi um sorriso enorme se abrindo em seu rosto e logo dizendo que era a primeira vez que um professor perguntava isso dele e que aquele momento o fez mais feliz, ali o conheci. Mas o que mais eu poderia fazer? Estava ali só durante 3 meses apenas como uma estagiária, como eu poderia resolver aquele sentimento? Pimenta e Lima (2005) dizem que:

No entanto, as habilidades não são suficientes para resolução dos problemas com os quais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício desses profissionais

No caminho da licenciatura leitores, existem muitas coisas que nem sempre vamos conseguir resolver ou entender, todas as habilidades e conhecimentos que adquirimos durante o curso são importantes para nossas formações mas as vezes eles não dão conta das experiências que trombamos na prática, mas tenham ciência de que precisamos ser gentis. Durante este estágio, eu conciliei a atriz e a professora em uma só, desfazendo o meu pensamento de que eram distintas, a professora era a atriz, o palco era a sala de aula, o público era os estudantes, a minha dramaturgia era a minha aula. Como desvincularia uma da outra? Se a jurubeba e a acadêmica estavam presentes. Prosperar em um lugar de tantas, levou esta atriz estagiária em arte-educação a enxergar a docência como um lugar prazeroso de atuação.

Carta de número 06

De: professora estagiária

Para: a arte-educadora

Queridos/as,

De estágio em estágio, me deparo com novos frutos plantados e pequenas flores colhidas. Na transição do segundo estágio para o terceiro, adentro ao Projeto teatral “ Construindo Cenas” da escola Brigadeiro Camarão. Projeto este que tinha o objetivo de montar um espetáculo teatral com os alunos da escola, para isso passando por audições e testes, estive presente desde a criação contribuindo e fortificando o movimento dentro da escola, pois era como plantar sementes em jovens dispostos a conhecer o mundo teatral, da mesma forma que plantaram em mim, quando ainda estudava na mesma.

Imagem 18- Audição para o projeto teatral



Fonte: acervo pessoal/ 2022

Dentro deste projeto, além de apoiadora, me tornei uma das professoras. Meus leitores/as eu estava em um lugar de total liberdade de criatividade minha, eu estava a partilhar toda a minha formação artística para estudantes que queriam aprender teatro, ali a partir daqueles dias de aulas no auditório, aquecimentos, jogos teatrais, interpretações, aulas de corpo, aulas de voz, acolhidas e escutas sensíveis, rodas de

conversa e principalmente a fé de que eu estaria abrindo um novo caminho para aqueles jovens trilharem, no meio de tudo isso nascia a atriz-arte-educadora.

Durante o caminho trilhado no projeto, de forma potente descobri mais camadas de eus que poderiam existir, e de além de aprender sobre mim, aprendia sobre o outro e de como cada corpo reage ao receber um comando, junto a eles eu descobria mais sobre quem eu era quanto educadora. Para aprender é preciso ensinar. Enquanto transmitimos nossos conhecimentos aprendemos junto com os alunos (BOMBARDELLI, 2011). A tudo havia um lindo propósito, fazer com que todos e todas chegassem a gozar da experiência artística experimentada dentro das salas de aulas, e como uma boa plantação regada de amor e carinho, sempre ocorre uma bela colheita.

Imagem 19- Aulas do Projeto Teatral



Fonte: acervo pessoal / 2022

De aula em aula, novos frutos amadureciam, de cada planejamento a cada imprevisto, os teatros iam acontecendo. Foram meses preparando e estudando todas as maneiras de formar artisticamente crianças dispostas a realizar seus pequenos sonhos, vi atores e atrizes se revelarem, vi grandes produtores surgirem, vi

maquiadores, figurinistas e diretores aparecerem durante cada atividade que eu, juntamente com a minha parceira Marilta Figueira, passávamos nas aulas. Enxergar o futuro acontecendo e olhando para o que o passado tinha me presenteado, foi como perceber que eu estava sendo formada para esses momentos.

Imagem 20 - Ensaio



Fonte :acervo pessoal / 2022

Imagem 21 - Espetáculo



Fonte: acervo pessoal / 2022

Imagem 22- Agradecimentos pós espetáculo



Fonte: acervo pessoal / 2022

“Amazonas: Causos, Lendas e costumes da Nossa Gente” foi o nome do espetáculo criado e apresentado dia 01 de Novembro de 2022, no Teatro Gebes Medeiros, pelo projeto teatral *Construindo Cenas* da escola Brigadeiro Camarão. E para você que continua a me acompanhar, eu lhe digo, esse foi o dia em que eu pela primeira vez subi ao palco, não como uma atriz, como uma professora.

Imagem 23- Discurso inicial antes do espetáculo



Fonte: acervo pessoal / 2022

Considerações finais

Meus queridos e minhas queridas,

Hoje enxergar todo esse processo de descobertas me fez entender que o meu caminho com a Licenciatura está em constante construção e evolução, não é algo que se finda ou se conclui aqui, é um estado que estará constantemente presente em mim. Ao vivenciar, não existe mais a possibilidade de viver sem ter o olhar da Licenciatura se aplicando em todos os lugares da vida.

A atriz e a professora são o resultado de uma formação. A atriz e a professora seguem o mesmo caminho, atuar dentro da sala de aula é o campo mais sensível em que essa única existência formada por tantas escolhe seguir. Do palco para a sala de aula eu re-existo. De tanto pensar sobre o que eu poderia ter falhado durante as jornadas da Licenciatura, eu me ceguei sobre as coisas que estava aprendendo neste caminho, a criação do novo sobre aquilo que não fluiu, dizer que não deu certo é negar a primeira existência de um plano, pois mesmo na falha, tudo se encaminha para o que tem que dar certo.

E nesta altura de tantas cartas, gosto de trazer o conceito de Nietzsche sobre Amor Fati (amor ao destino) que diz sobre como devemos ser gratos aos caminhos que nos levaram a ser quem somos hoje, pois apesar de tudo, é o que foi importante e agora faz parte de nós. É desta maneira que trago meus caminhos na licenciatura, todas os acertos e falhas me moldaram ao que sou hoje, e enxergar isso como uma dádiva é o meu mais belo presente.

Para os caminhos da licenciatura que trilhei, falhei e compartilhei, meus
sinceros agradecimentos.

Atenciosamente, Raiana Prestes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOMBARDELLI, A.P : ECCO, I. **O ser professor: concepções presentes em um curso de formação docente.** Perspectiva (Erechim). V. 35, p.147-158-158,2011.
- DESGRANGES, flavio. **A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo.** Mandacaru. São Paulo. Editora Hucitec. 2006
- FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto etnografia para a pesquisa na prática artística.** Tradução. Helena Mello, S. 2010.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores : identidade e saberes da docência.** In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora. 1999. (p, 15 a 34).
- PIMENTA, S.G. ; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Revista Poíesis. São Paulo. Volume 3. Números 3 e 4, pp.5 – 24,2005/2006.